

PIVA JUNIOR, Dilermando. *Sala de aula digital: uma introdução à cultura digital para educadores*. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2013. 152p.

Carlos Alexandre Rodrigues de Oliveira
Universidade Federal de Minas Gerais
calexandre_ro@oi.com.br

José Geraldo Fernandes Oliveira Júnior
Universidade Federal de Ouro Preto
junioroliveirafernandes@gmail.com

Na obra *Sala de aula digital: uma introdução à cultura digital para educadores*, o autor busca apresentar as seguintes indagações que contribuirão para uma reflexão no processo da arte de educar na cultura digital: por que as novas tecnologias têm sido tão mal utilizadas nas escolas? Como fazer com que o uso dos computadores no sistema educacional não acabe como outras tecnologias: de panaceias¹ a ferramentas esquecidas no fundo dos armários? Como utilizar de forma eficiente e eficaz os recursos existentes, tais como a Internet, os softwares educacionais, os aplicativos no processo educacional? Qual a metodologia adequada para integrar a tecnologia à Educação?

Diante de tais questionamentos, Dilermando Piva Junior, Doutor em Engenharia de Computação pela UNICAMP na área de Automação – Inteligência Artificial e Ensino a Distância, professor pleno da Faculdade de Tecnologia de Indaiatuba (FATEC) e coordenador de Educação a Distância do Centro Paula Souza para o Ensino Superior, propõe em sua obra uma discussão e sugestões de ferramentas para que os educadores possam fundamentar e utilizar a cultura digital como meio de acesso às novas tecnologias à sala de aula.

Para tanto, de forma objetiva, o autor não constrói diálogos teóricos, mas ao mesmo tempo e, sem perder o rigor da ciência, ele busca apresentar elementos que contribuirão para os educadores adentrarem e utilizarem a cultura digital em prol do ensino-aprendizagem na educação.

A partir de então, o autor ressalta que as mudanças na educação em diálogo com a cultura digital vêm acontecendo numa velocidade assustadora, tornando-se um desafio para o educador que tem o desejo de mudança. Além disso, crianças, jovens e adultos estão cercados pelo digital. Diante disso, ele aponta que a escola não pode estar enclausurada, ou seja, ela deve ser um espaço de construção e diálogo aberto ao processo de aprender a aprender. Mas, para que isso aconteça, nada melhor que trazer as tecnologias, utilizando-as de maneira sábia, para a construção coletiva do conhecimento.

O autor busca apresentar nessa obra, de forma tecnológica e ponderada, a inclusão da informática nas escolas em etapas necessárias para a sua implantação. Tal inclusão se dá no que diz respeito aos diversos recursos que estão disponíveis no mercado, sem deixar de mencionar e refletir sobre a necessária mudança de postura do

1 “Panaceia, na mitologia Grega, era deusa da cura. O termo panaceia, em virtude disso, passou a ser utilizado como ‘o remédio para as doenças’. Dessa forma, quando dizemos que a tecnologia não é panaceia da educação, queremos enfatizar que ela não resolve todos os problemas encontrados na área educacional.” (PIVA JUNIOR, 2013, p. 16).

professor diante das tecnologias nesse ambiente de ensino-aprendizagem.

Piva Junior apresenta uma preocupação na área de educação e suas peculiaridades, que se traduz no cenário da informática na era da educação. Em especial, as novas tecnologias oferecem ferramentas de informação e comunicação com um poder social de grande repercussão. Tudo isso é representado principalmente pelas redes sociais e não só pelas novas possibilidades de comunicação global, mas também pela cultura social concebida. Então, segundo Piva Junior, precisamos e devemos agir rápido se quisermos ter uma educação de qualidade nesse universo digital.

No entanto, toda tecnologia, principalmente a tecnologia de rede, já está presente em toda sociedade. Manter distância de tais inovações significa ser excluído socialmente.

De acordo com o autor, os recursos tecnológicos para aplicação educacional podem ser hoje uma excelente ferramenta para a sala de aula, embora amanhã possam estar completamente obsoletos. Sendo que toda essa aplicação dá-se a partir da organização e da forma de como utilizar esses recursos na sala de aula. “Essa é uma das regras de integração da tecnologia: preocupar-se mais com a aplicação efetiva dos recursos tecnológicos do que propriamente com esses recursos” (PIVA JUNIOR, 2013, p. 25). Assim, os aspectos técnicos não precisam ser deixados de lado, mas podem ser trabalhados em segundo plano, pois o principal objetivo é preparar os jovens para o ciberespaço no processo de ensino-aprendizagem.

O computador vem sendo cada vez mais utilizado no processo das atividades humanas por seu grande potencial estará na flexibilidade de suas diversas aplicações. Contudo, ao falar em computador, não estamos falando da parte física e suas possíveis variações, mas também de um conjunto de elementos, como softwares, periféricos e suporte técnico. Piva Junior ressalta que essa flexibilidade deve-se ao computador e a todos os seus elementos serem reconhecidos por seu potencial de permitir a realização de atividades de forma rápida e sistemática.

Nesse cenário, as distâncias diminuirão. As fronteiras não existem mais. As infovias da Net agora são precursoras, por meio das mais diversas mídias, do acesso à informação. Todos podem, diante de um computador ou de outras mídias conectadas à Internet, acessar o universo digital. Com isso, “a sociedade da informação não produz apenas quantidades imensas de informações; ela também gera meios para sua estocagem, numa memória global computadorizada, acessível e interligada pelas redes mundiais de computadores” (PIVA JUNIOR, 2013, p. 59).

É comum nos depararmos com referências sobre o novo perfil dos jovens de hoje, principalmente quando se trata de “comunidades, colaboração e conectividade” (PIVA JUNIOR, 2013, p. 83). Diante disso, a forma de nos relacionar com eles tende a ser diferente, se quisermos ser eficazes e participativos no processo de ensino-aprendizagem, principalmente no que se refere à formação educacional. Tudo isso que ocorre com o perfil desses jovens, caracteriza-se pelo dinamismo e pela familiarização com a tecnologia.

Os professores de hoje tiveram uma educação pautada por uma geração de mediadores que não vivenciaram essa inserção tecnológica. Por isso, é muito difícil que eles elaborem um planejamento diferente do que aprenderam em seus cursos de formação. Porém, há necessidade de mudança, ou seja, é preciso ter contato com as tecnologias e seus recursos, principalmente as que nossos jovens utilizam cotidianamente e, com isso, extrair tudo que as tecnologias nos oferecem para a construção do

conhecimento.

“O planejar é diferente do adivinhar” (PIVA JUNIOR, 2013, p. 100). Dessa forma, o planejamento é uma atividade prática pela qual as escolas buscam identificar-se, em um plano que demonstra a fixação de objetivos a serem atingidos a médio e a longo prazos. E porque não inserir as tecnologias nesse planejamento? O autor ainda aponta que o planejamento é um processo analítico que irá envolver a avaliação do futuro com informações sobre o presente, seguindo a lógica da evolução universal. Além disso, segundo o autor, há o desenvolvimento de diversos cursos de ações alternativas e a escolha de determinada linha de atuação que poderão ser úteis para a realidade em questão.

Diante da postura de mudança das pessoas envolvidas, o autor também discute que é muito difícil trabalhar algo não vivenciado, que não está incorporado a nossa personalidade, a nosso conjunto de valores. Além disso, a introdução das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem desafia a crença dos professores em relação à construção de uma nova identidade docente, principalmente em relação às bases de autoridade e valor que agregam ao ensino. Para o autor, as tecnologias, principalmente os computadores, implicam um rompimento do método único de lecionar.

Dessa forma, “os professores deverão, além de aceitar trabalhar com uma nova ferramenta didático-pedagógica, melhorar sua postura perante aos alunos, passando de únicos detentores do saber a facilitadores do aprendizado” (PIVA JUNIOR, 2013, p. 116). A partir desse movimento, a utilização dessas novas ferramentas não é apenas destinada aos alunos, mas também aos professores e a outros envolvidos no processo de formação do conhecimento.

Para Piva Junior, a integração da tecnologia educacional baseia-se na determinação de qual ferramenta tecnológica e quais métodos de inclusão dessas ferramentas são apropriados para a sala de aula, seja ela tradicional ou virtual. Nem sempre isso ocorre, porque vários professores contestam o uso de ferramentas tecnológicas no processo de ensino-aprendizagem, alguns deles movidos pela falta de competência e habilidade em relação aos saberes tecnológicos.

Ao pensar no futuro, Piva Junior afirma que este é um ato de predição mesmo quando tratamos da área tecnológica, que se desenvolve rapidamente. Assim, o autor deixa o último capítulo em aberto para que os leitores apresentem suas experiências, conquistas, frustrações etc. Com isso, o leitor passa a ser o coautor da obra.

Para finalizar cada parte de sua obra, Piva Junior apresenta minuciosamente ao leitor quadros elucidativos remetidos a um glossário com palavras destacadas no entorno do texto, além de atividades propostas e uma sugestão de bibliografia.

Por fim, as tecnologias estão circulando cada vez mais na sociedade do conhecimento. E isso faz com que nossos jovens estejam imersos nesse novo ambiente. A escola não pode, diante desse contexto, estar isolada desse processo de inclusão digital no espaço da sala de aula. Consideramos que essa obra, voltada para professores e estudantes, serve de apoio didático-pedagógico para o seu uso em sala de aula, pesquisas e fixação da temática abordada.

Recebido em 28 de fevereiro de 2015.
Aprovado em 14 de julho de 2015.